



TEMPO DA GRAÇA: LENDO ANTÔNIO VIEIRA À LUZ DE INÁCIO DE LOYOLA

TIME OF THE GRACE: READING ANTÔNIO VIEIRA IN THE LIGHT OF INÁCIO DE LOYOLA

*Maria Aparecida Rodrigues Abrão**

RESUMO

A leitura do passado na experiência cristã é mais do que uma análise objetiva da evolução e da sucessão dos acontecimentos. Sem prescindir dos tecidos sociais, econômicos e culturais nos quais está enraizado, aquele que crê exercita-se nessa tessitura a discernir a comunicação, a solicitude de Deus para com os seres humanos. De modo mais radical, trata-se de reconhecer como a circulação do amor divino permeia o tempo e, nele, as evidências que o habitam. Com esta finalidade, o presente artigo pretende fazer um esboço da percepção do tempo em sua dimensão teológica na reflexão do Pe. Antônio Vieira SJ, englobando no caminho desse entendimento a fonte inspiradora singular que deu origem à Companhia de Jesus: Inácio de Loyola. Sua experiência e o legado de sua maneira de ajudar outros a distinguir a graça – universo no qual o ser humano vive e se move – permitem alargar o campo de compreensão e melhor penetrar na atuação de Vieira. Simultaneamente, torna possível visitar o caminho de uma fé que desposa as realidades do seu tempo para ser fiel ao seguimento de Jesus Cristo e à vivência do evangelho.

Palavras-chave: tempo; graça; fé; Antônio Vieira; Inácio de Loyola

ABSTRACT

The reading of the past in the Christian experience does represent much more than an objective analysis of the evolution and succession of events. Without prescinding from the social, economic and cultural fabrics, in which it is rooted, who that believes practices in this texture to discern the communication, the thoughtfulness of God for the human beings. In more radical way, it is about to recognize as the circulation of the divine love permeates the time and, in it, the evidences that inhabit the same. For this purpose, the present article intends to make a sketch of the perception of the time in its theological dimension in the reflection of Father Antônio Vieira S. J., by therefore encompassing in the path of this

* Doutora em Teologia pelo Centre Sèvres, Facultés Jésuites de Paris (2012). Professora de teologia sistemática do Curso de Graduação e de Pós-Graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco.

understanding the unique inspiration source that gave rise to the Society of Jesus: Inácio de Loyola. His experience and the legacy of his way to help others to distinguish the grace - universe in which the human being lives and moves – allow to extend the field of the understanding and to better penetrate in the actuation of Vieira. At the same time, makes possible to visit the path of a faith that espouses the realities of its time to be faithful to the following of Jesus Christ and to the existence of the Gospel.

Keywords: time; grace; Faith; Antônio Vieira; Inácio de Loyola

INTRODUÇÃO

Tempo. Qual é o preço a pagar para dele dispor? E quando dele se dispõe, aproveitá-lo. Por quê? Para quê? Questão de ontem e de hoje habitando as preocupações humanas, como o testemunha Fernando Pessoa:

Aproveitar o tempo! Mas o que é o tempo, que eu o aproveite?
Aproveitar o tempo! Nenhum dia sem linhas... (...)
Aproveitar o tempo! Tirar da alma os bocados precisos – nem mais nem menos – para com eles juntar os cubos ajustados que fazem gravuras certas na história. (...)
Aproveitar o tempo! Não ter um minuto que o exame de consciência desconheça...
Não ter um ato indefinido nem factício...
Não ter um movimento desconforme com propósitos. Boas maneiras da alma... Elegância de persistir...
Aproveitar o tempo!
Meu coração está cansado como mendigo verdadeiro. Meu cérebro está pronto como um fardo posto ao canto (...)
Aproveitar o tempo!... Ah, deixem-me não aproveitar nada! (...) (PESSOA, 1996, p. 73-74).

Pensar o tempo da graça é situar-se na experiência cristã do tempo. Essa experiência atribui à iniciativa divina a organização histórica do mesmo em sua tríplice dimensão: a história de uma relação, história santa e história salvífica que vai da anamnese à realização escatológica passando por uma incessante significação teológica do presente¹. Significação tecida no tempo do mundo, em contextos socioculturais, políticos e econômicos, no coração de ambivalências, de realidades humanas que colocam o homem diante de lógicas distintas.

Confrontado a tais lógicas e provocado a decifrá-las, aquele que crê é instado a abandonar o terreno das evidências – lugar confortável – para significar enquanto pessoa de fé, o que lhe sucede.

¹ No que concerne a definição de “Graça”, ver: LACOSTE, Jean-Yves. **Dictionnaire critique de théologie**. Paris: PUF, 1998.

Numa consideração sobre as diferentes gerações – baby boomers, geração X, geração Y – e suas prioridades, Bauman afirma que “tudo o que nos é fácil, constante e fartamente acessível tende a ser óbvio demais para ser notado”. E prossegue seu argumento: “... se nos pedissem para fazer uma lista das coisas que consideramos ‘essenciais à vida’, dificilmente nos lembrariamos de mencionar o ar”. A obviedade, via de regra, não leva a pensar. “... o ar está presente a qualquer hora, em qualquer lugar; tudo o que temos de fazer é inspirá-lo na quantidade que nossos pulmões permitem”².

Se admitirmos que a graça é o ar que respiramos – posto que o homem foi criado em Cristo (cf. Ef. 1, 3ss) –, pensar o tempo da graça é talvez exercitar-se a deixar o campo das evidências e entrar decididamente em um labor teológico.

Tempo da graça. O próprio título denota a qualificação do tempo. Para visitar sua dimensão teológica, a opção é a de um caminho em três etapas. E as palavras que seguem são fundamentais: discernimento do tempo, constância na esperança e seguimento no amor. Discerniremos o tempo deixando-nos orientar pelo Pe. Antônio Vieira³, o que exigirá de nós um recuo de quatro séculos, tendo diante dos olhos as perguntas: e se o tempo fosse um aliado do ser humano em sua caminhada e não aquilo contra o que ele luta continuamente? E se estivesse ele vivendo a idade de ouro? Esta primeira parte será o contexto e o pretexto para visitarmos uma herança espiritual que modelou não somente Vieira, mas grandes santos e personalidades na teologia⁴. Nessa herança, o estatuto e o tratamento do tempo serão objeto de uma segunda parte. Finalmente, na terceira e última olharemos para Aquele que é a graça em todo tempo.

² BAUMAN, Zygmunt. **44 Cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 60.

³ Nós nos apoiaremos sobretudo na obra inacabada: *História do Futuro*. Edição crítica comentada e prefaciada por José van den BESSELAAR. Munster: Aschendoorff, 1976.

⁴ Quanto aos santos, a título ilustrativo, lembremo-nos, entre outros, de São Francisco Xavier, São Luiz Gonzaga, São Roberto Belarmino; e no campo teológico, personalidades como Karl Rahner, Hans Urs von Balthasar.

1. DISCERNIR O TEMPO COM O PE. ANTÔNIO VIEIRA⁵

1.1 A densidade teológica do tempo

Um espírito que tem pressa, expressão que traduz a inquietude do coração desse jesuíta que prega a tempo e a contratempo servindo-se de seus Sermões sem, contudo, limitar-se a eles, para denunciar injustiças e anunciar o Evangelho.

Na sua época, também Vieira tentou falar como entendia o « tempo da graça » e até mesmo persuadir seus interlocutores sobre a sua concretude. Eram momentos difíceis. As vicissitudes da história levaram o seu país a estar por muito tempo sob o jugo de outro povo⁶. É surpreendente como as contradições históricas não o dissuadiram, mas antes o estimularam a reconhecer a solícitude da Trindade para com os humanos. Hermeneuta incansável, Vieira procura entender: como a graça de Deus pode habitar esta história? Como a graça pode habitar estes tempos? Em geral, a referência ao “tempo da graça” aguça a imaginação dos cristãos e remete, mesmo os mais esclarecidos, a tempos idílicos. A ideia do paraíso terrestre alimentou correntes milenaristas⁷. Mas que conteúdo é atribuído à palavra “graça”? Se for considerada como “a solícitude divina para com o homem, tal como ela se encarna em Jesus Cristo e se comunica no mais profundo da natureza humana como dom do Espírito Santo”⁸, ver-se-á não apenas que muitas outras perguntas poderiam ser acrescentadas, mas também que há, pelo menos, duas perspectivas distintas, duas diferentes portas de entrada: do ponto de vista da Trindade que se dá e do ponto de vista da relação que se instaura. À sua maneira, Antônio Vieira deleitou-se em refletir sobre isso. Ainda mais: esse aparente deleite foi para ele uma necessidade, com implicações existenciais. Para o leitor a quem Vieira se dirige, o tempo da graça seria provavelmente isento de percalços, um tempo em que se pudesse conhecer o futuro. No movimento de uma projeção contínua, a graça estaria sempre lá onde o homem ainda não está (futuro) ou onde ele não está mais (passado recente), nem nunca esteve (passado muito distante). Vieira traz em si muitas

⁵ Retomo aqui alguns elementos de minha publicação no livro: **Lembra-te do futuro**. A teologia de Antônio Vieira à luz da História do futuro. São Paulo: Loyola, 2012.

⁶ Na História do Futuro, Vieira retomará diversas vezes a reflexão sobre esse sofrimento sob o jugo espanhol. Ver VIEIRA, Antônio. História do Futuro, edição crítica comentada e prefaciada por José van den BESSELAAR. Munster: Aschendoorff, 1976, p. 94. v. 1.

⁷ Para uma leitura com mais vagar sobre este ponto, ver: DELUMEAU, Jean. **Une histoire du paradis**. Mille ans de bonheur. Paris: Fayard, 1995.

⁸ FABER, Eva-Maria. Grãce, em: LACOSTE, Jean-Yves. **Dictionnaire Critique de Théologie**. Paris: PUF, 2007.

ambiguidades. É, a um tempo, realista e utópico, e – diga-se de passagem – não é o único a ter esse privilégio.

Na História do Futuro, mas também em algumas passagens dos Sermões, nós o vemos obstinado em descobrir na própria história, tal qual se apresenta, no presente que lhe é dado, as marcas de Deus⁹. Na História do Futuro, livro bastante árido, ele se aplica ao exercício de perceber, de discernir, de reconhecer a presença, o comunicar-se, o agir de Deus e, portanto, a graça em ação. Era no século XVII. E assim o autor se expressou:

O tempo (como o mundo) tem dous emispherios: hum superior e visivel, que he o passado; o outro inferior e invisivel que é o futuro. No meyo de hum e outro emispherio ficão os horizontes do tempo, que são estes instantes do presente que himos vivendo, onde o passado se termina e o futuro começa (VIEIRA, 1976a, p. 72).

Lugar onde o passado se termina e o futuro começa. Temos aqui uma definição do que é para ele o tempo, considerado em sua tríplice dimensão. O presente é, nessa visão, o entroncamento entre o passado e o futuro. Será a sua preocupação puramente especulativa? Da maneira como o seu projeto é tecido, observa-se que ele busca o espaço para uma ação. Avesso à postura passiva ou a um pseudoabandono à Providência, mostra-se, antes, motivado e motivador para interferir no curso dos acontecimentos criando, em certa medida, o tempo de tal intervenção. Leitor incansável das Escrituras¹⁰, nelas busca luz e força para inventar no tempo que é o seu as formas de aplicar sua interpretação. Interpretação que se recusa a estagnar-se no passado ou a projetar-se no futuro como o lugar em que a graça marca encontro com o ser humano. Mais do que colocar a importância na sucessão entre passado, presente e futuro, trata-se de sublinhar que o presente é o lugar em que o futuro se constrói. Evadir-se do presente faz o ser humano “perder a graça”. A esse respeito, Vieira faz um comentário irônico:

Em um mapa tão pequeno, tão plano e tão liso como a palma da mão de um homem, inventaram os quiromantes não só linhas e caracteres distintos, senão montes levantados e divididos, e ali descrita a ordem e sucessão da vida e casos dela, os anos, as doenças, os perigos, os casamentos, as guerras, as dignidades e todos os outros futuros prósperos ou adversos: arte certamente

⁹ Ver o próprio Sermão de Santo Antônio aos peixes em: NORONHA, José. Para uma leitura do Sermão de Santo Antônio aos peixes, do Padre Antônio Vieira. Lisboa: Presença, 1998.

¹⁰ Para dar-se conta da seriedade dessa afirmação, ver o projeto de Vieira que testemunha o seu espírito investigativo no que concerne a Escritura: VIEIRA, A. **Clavis Prophetarum**. Edição crítica por Arnaldo do Espírito Santo. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2000.

merecedora de ser verdadeira, pois punha a nossa fortuna nas nossas mãos (VIEIRA, 1992, p. 49).

Sim, nas mãos humanas pode-se ler e reconhecer o caminho da vida. Todavia, numa compreensão bem diversa daquela que Vieira critica. E aqui um indicador se apresenta: Deus coloca a graça ao alcance das mãos humanas. O exercício é ainda o de tratar continuamente o presente à luz do futuro. Mas isso não seria evasão? Não na perspectiva vieirense. O futuro para Vieira já está dado na promessa e na realização da palavra de Deus dirigida ao homem. Quanto mais este referir-se existencialmente a essa palavra, tanto mais estará ancorado no seu tempo e na sua realidade.

A referência a essa palavra que não é a própria exige do homem que discerne o tempo, a atitude de fé. Atitude que na perspectiva do autor é sinônimo de gratidão por ser resposta a um amor que se revela não de modo abstrato, mas na economia salvífica. Não somente alicerçado na história do povo de Israel, mas à luz dessa história –indubitavelmente paradigmática – o Amor revela-se na história singular vivida em cada tempo. A história do povo de Israel deve estar sempre diante dos olhos daquele que crê, como um farol. Nunca para ser repetida. Sua função é anamnética. Aponta para o modo de proceder de Deus e para a fidelidade a uma palavra dada. É o mesmo Deus o de ontem e o de hoje. E faz parte inseparável da eternidade, da natureza de Deus, que todos os futuros lhe sejam presentes (VIEIRA, 1976, p. 67). Já o ser humano situa-se nos horizontes do tempo, no presente¹¹. Vieira descreve assim essa relação: « *O homem, filho do tempo, reparte com o mesmo tempo ou o seu saber, ou a sua ignorância: do presente sabe pouco, do passado menos, do futuro nada*» (VIEIRA, 1976, p. 67). No entanto, contrariamente às aparências, a pertença ao tempo não constitui um obstáculo. Em vez de separar o homem de Deus, o reaproxima dele, passando de lugar hostil ao encontro com Deus, ao lugar dado por Deus para o encontrar. Assim, a distância que separa o homem contemporâneo do evento fundante da fé cristã não

¹¹ Em seu trabalho sobre o tratamento do presente, F. Hartog ajuda a ver passagens significativas de compreensão do presente. Ele passa pelo presente homérico, o antigo dos filósofos, o renascente dos humanistas, o escatológico ou o messiânico, o presente moderno, e conclui que uma mudança se faz sentir: a luz que para os humanistas vinha do passado antigo comportando o dever de exemplo e de imitação, com o regime moderno de historicidade, provém do futuro. Em nossos dias, a luz vem unicamente do próprio presente e este se autodetermina. Ver HARTOG, François. **Régimes d'historicité**. Présentisme et expériences du temps. Paris: Seuil, 2003, p. 218. Vieira não cessará de tratar o presente à luz do futuro que é para ele ao mesmo tempo promessa e realização da palavra de Deus dirigida ao homem.

o coloca em desvantagem em relação às testemunhas oculares, mas dá meios inusitados de viver essa relação enfatizando a dimensão pneumática e ratificando a palavra de Jesus.

1.2. “Durar” no tempo da provação

Fiel a si mesmo. É assim que a Escritura narra Deus. Ele acompanha os seus na história, mesclando-se ao emaranhado da vida num eloquente silêncio, por uma presença firme, discreta, respeitosa. No entanto, “Deus não vem tomar todo o lugar em minha vida e na minha história. Ele vem tomar, ou melhor, me propor e me oferecer o seu lugar, mas não todo o lugar”, dizia Gesché (GESCHÉ, 2004, p.130). Somente a percepção de quem é Deus – que não sufoca o ser humano com sua presença – pode levar o homem a assumir a justa relação com a realidade nas situações inerentes ao seu ser no mundo. Somente a percepção do desconcertante modo de agir de Deus na economia salvífica pode, no coração das incertezas, fortalecer a fé. E só o salto na fé – que não extirpa a dúvida – transfigura.

Pensamos que Vieira tentou colocar seus ouvintes diante da decisão radical, do salto que consente à transformação. Parece ocupado, na perspectiva de sua obra, em mostrar que o tempo, com todas as circunstâncias que inclui, não é um obstáculo entre Deus que vive na eternidade e a humanidade, submissa às leis do tempo. Pensando o tempo como uma criatura (VIEIRA, 1976, p. 80), dá a entender – através de uma alusão a Rm 8, 38-39 – que Paulo lança um desafio também ao tempo ao afirmar que nada pode nos separar do amor de Deus manifestado no Cristo Jesus. Aceitando que Deus seja Deus, o ser humano acolhe em sua contingência a certeza que pode ser determinante na sua vida.

Por isso, a fé tem para Vieira um papel decisivo. E ele a descreve em chave teológico-espiritual:

A prova da verdadeira fé e a fineza do verdadeiro amor não é seguir o sol quando ele se deixa ver claro e formoso, com toda a pompa dos seus raios. A prova da verdadeira fé e a fineza do verdadeiro amor residem em seguir o sol quando ele se nega aos olhos, escondido e encoberto de nuvens (VIEIRA, 1951, p.55)

E aqui entramos na segunda palavra fundamental do tema que nos ocupa, porque associada à fé está a perseverança. Perseverar, do latim *per* (totalmente) e *severus* (sério, estrito), quer dizer manter-se firme. Manter-se firme por obstinação? Certamente que não. A leitura

teológica da história lembra que a promessa de Deus se realiza sempre, mesmo se o autor admite a possibilidade de que ela tarde a vir. A duração do tempo ao qual o homem é submetido ameaça fazer-lhe esquecer a promessa. Será que Vieira quer através disso nos sugerir que a realização da promessa dependeria da consciência que dela tem o homem? Será que o desconhecimento Daquela que faz a promessa impede seu cumprimento? Na lógica de sua teologia, parece-nos não se tratar de ter influência sobre a promessa. Os termos esquecimento, desconhecimento são para ser ligados, no contexto a que ele se refere, com a gratidão e o reconhecimento. Gratidão e reconhecimento remetem, por sua vez, não somente ao « ver », mas igualmente a certa qualidade de visão que pode manifestar as disposições do coração. Esta qualidade de visão não altera a realidade objetiva: os fatos estão lá. Contudo, a negligência ou a recusa de vê-los impede a leitura do modo como a promessa se cumpre e projeta então o homem num futuro que deve lhe trazer o que já vem a ele, mas que ele não reconhece.

1.3 Discernir a promessa no tempo

A esperança e o tempo estão ligados. A esperança implica durar. A fuga da duração pode provocar a infidelidade. Mas o que pode nos permitir esperar? Esperar não é fácil. O próprio Vieira o reconhece: « *Ainda que seja muyto segura, muyto firme e muyto bem fundada a esperança, he um tormento desesperado o esperar* » (VIEIRA, 1976, p. 78). Lembra que os profetas, várias vezes, foram objeto de zombaria por causa de sua esperança na promessa que demorava a se realizar¹². Reconhece também que na história sagrada foi preciso várias gerações até chegar o dia de entrar na terra prometida (VIEIRA, 1976, p. 79). É verdade que há esperanças que tardam, mas há as que vêm. E o reconhecimento das que vêm alimenta e dá forças para esperar as que devem vir. Isso não é um jogo de palavras: é interpelação a discernir esperanças e, nelas, descobrir a vida de que são portadoras. A impressão de que as promessas não se realizam semeia a desconfiança sobre a palavra dada. Essa desconfiança tem um impacto sobre a atitude humana frente à esperança no futuro. O homem é então tentado a viver com os olhos colados no passado ou no presente, uma vez que não há nada a esperar. No entanto, o binômio promessa-esperança poderia ser um

¹² Resta-nos a compreender a alusão à passagem da página 79 em que Vieira toma distância com relação aos profetas da Escritura que falavam de esperanças de maior prazo. Será para dar mais credibilidade à sua História ao falar de esperanças breves? Será para fazer a crítica das promessas que, tentando acalmar o povo, o mergulhava na inércia?

«lugar teológico» onde torna-se possível uma síntese harmoniosa: presente, passado, futuro.

Se fosse simplesmente uma palavra humana, poderia levar à ilusão, dada a facilidade com a qual o homem promete o que não pode dar. Mas quando essa promessa vem de Deus e se fundamenta nele, ela abre à esperança que não decepciona. O risco é o de que a esperança possa sofrer a usura do tempo. Sendo assim atingida, provoca fissuras na fidelidade.

Para levar a sério a revelação de Deus, faz-se necessário dar-se conta de que Ele, sem ser submisso às leis do tempo, se compromete com o homem que vive no tempo. Dá-lhe sua palavra, entrega-lhe sua promessa e o conduz a seu cumprimento, que é o final de um processo. E é ao engajar-se dessa maneira que Deus não destrói nem as liberdades, nem as leis do tempo.

2. A SEIVA INACIANA: INSPIRAÇÃO DE ONTEM E DE HOJE

2.1 *Habitar o tempo com Deus*

É bastante provável que, na escola de Inácio, Vieira tenha se exercitado a discernir os diferentes tempos e, neles, simultaneamente, tenha observado a relação do ser humano com a Trindade e os frutos que essa relação produz. Os Exercícios espirituais de Inácio de Loyola conhecem um dinamismo peculiar que passa continuamente pela prática do discernimento¹³. Esta é uma maneira cotidiana de reconhecer no cerne do que vive o homem, no coração das forças que o agitam, a autocomunicação de Deus que o coloca em movimento (moções). E, uma vez identificada, o homem é mobilizado a não parar nela, mas a “tirar proveito”, colher os frutos da experiência no sentido de orientar-se para a ação. O exercício inaciano possui uma força inaudita do ponto de vista da perspectiva que nos ocupa: provoca o homem a ver a realidade, a nela mergulhar com Cristo e assim ser “devolvido” ao seu hoje que é *locus* teológico por excelência.

¹³ É próprio da dinâmica dos Exercícios Espirituais de Inácio de Loyola fazer com que aquele que se exercita seja colocado diante do *Princípio e Fundamento* de sua vida e, reconhecendo-o, possa caminhar em liberdade para não fazer dos meios, fins. Ver: LOYOLA, Inácio. **Exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola**. São Paulo: Loyola, 2010. No decorrer do texto, essa obra será indicada como EE.

É preciso, contudo, enfatizar – porque parece-nos que esta é uma riqueza particular da experiência de Inácio – que tudo, absolutamente tudo o que se faz na vida, na banalidade do cotidiano, é “matéria” do exercício que acabamos de mencionar. Há duas frases muitíssimo conhecidas que querem expressar uma atitude de fundo: “Contemplação na ação” e “Ver Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus” (LOYOLA, 1975, nº 288). Julgamos que a segunda expressa de modo menos ambíguo a especificidade do olhar de Inácio, por favorecer mais uma atitude unitiva.

Ainda uma vez: trata-se de um exercício que Inácio convida a delimitar no tempo (em todo tempo) e sobretudo a intensificar no tempo da provação (desolação). Diz a tradição que, em Alcalá, Inácio ajudava os estudantes jesuítas a discernir no cotidiano as astúcias do inimigo da natureza humana, que tenta afastar o ser humano de Deus: "não retardemos nunca uma boa obra, por pequena que seja, pensando que faremos outras maiores em outro momento. É, com efeito, uma tentação habitual do inimigo fazer que se coloque a perfeição nas coisas futuras e nos conduzir ao desprezo das coisas presentes"¹⁴.

Os exercícios propostos por Inácio manifestam à profusão o presente inscrevendo-se na elaboração incessante entre confluência do passado e gestação do futuro. E o homem é ator na medida em que acolhe Aquele que vem a ele, no tempo.

Vieira será particularmente sensível a tais frutos. E há de se convir que, mesmo mantendo-se discreto nas referências explícitas à sua pertença, ele se inscreve nessa tradição.

2.2 Fidelidade ao tempo real

Inácio tem um modo de aceder ao Evangelho que expressa grande liberdade. Isto se manifesta sobretudo nos Exercícios Espirituais e nas Constituições. Mas o caminho para uma progressiva liberdade foi longo, como o testemunha sua Autobiografia¹⁵. Ele leva a sério o fato de que entre Deus e o ser humano realiza-se um encontro de liberdade e de amor sempre atual. Por isso, na dinâmica da experiência inaciana, é fundamental contemplar Jesus Cristo na multiplicidade dos mistérios de sua vida, acompanhando-o em sua trajetória

¹⁴ Epist. Ign. XII 676. Monumenta Historica, SJ, citado por GIULIANI, Maurice. *L'accueil du temps qui vient. Études sur saint Ignace de Loyola*. Paris: Bayard, 2003, p. 264 ss.

¹⁵ Para uma compreensão do caminho de Inácio de Loyola e de suas motivações profundas, ver: LOYOLA, Inácio. *Autobiografia*. 3. ed., São Paulo: Loyola, 1987.

terrena. Para tanto, o homem todo é solicitado, inclusive com seus cinco sentidos. Com que finalidade? Unicamente com o objetivo de concretizar o mais plenamente possível o seguimento de Jesus e a maior aproximação com o seu modo de viver. No entanto, Inácio – já no seu tempo – dá-se conta de que, se é verdade que o apelo do seguimento guarda toda a sua atualidade, é igualmente verdadeiro que no desenrolar da história das sociedades e da evolução do mundo, circunstâncias muito diversas se apresentam a pessoas muito distintas advindas de realidades igualmente diferentes. E aqui Inácio, com grande liberdade, nas Constituições que deixa aos seus companheiros, nas grandes linhas, diretivas e orientações, não hesita em colocar quase como um refrão: “segundo as circunstâncias de tempo, de lugares e de pessoas”¹⁶. Não esperar que os lugares, os tempos se adaptem ao ideal, mas neles imergir arraigados nos mistérios da vida de Cristo: tarefa e desafio.

Aparentemente, este foi um dos embates de Vieira: nas circunstâncias e nas adversidades históricas, ter diante dos olhos o paradigma da história da salvação como condição de interpretar as tensões, os acontecimentos e discernir a ação. E ainda, mostrar o Espírito presente em todo tempo (VIEIRA, 1976, p. 159). Mostrar que o presente, por não ser o ideal, não pode ser desqualificado e que não é em nada – nem teologicamente, nem moralmente – superior, inferior ou menos fecundo que os tempos que nos precederam. Tomado tal qual ele se apresenta, sem nenhuma tentativa de tecer falsas aparências, de maquiá-lo, o ser humano pode acolher a graça que vem a ele no tecido mais inusitado, chegando a compreender que a idade de ouro era ontem, é hoje, será amanhã.

2.3 *Ad amorem*

Se a contemplação dos mistérios de Cristo permite o discernimento do tempo e da graça do tempo que acabamos de considerar, tal discernimento não é apenas exercício do intelecto, nem tampouco uma análise teológica estéril. Na intuição de Inácio é o pressuposto de um agir lúcido. “O amor deve se colocar nas ações, mais do que nas palavras” (EE nº 230). Diante da graça, isto é, do comunicar-se gratuito do Deus trinitário e do seu agir em favor

¹⁶ O texto inaciano é aqui citado segundo a tradução de Joaquim Mendes Abranches, *Constituições da Companhia de Jesus*, Lisboa: Província Portuguesa da Companhia de Jesus, 1975. Ou ainda, seguindo a mesma tradução com leves adaptações: LOYOLA, Inácio. **Constituições da Companhia de Jesus e normas complementares**. São Paulo: Loyola, 2004. A título de exemplo, ver sobretudo os números: 64, 66, 211, 238, 297, 343, 351, 462, 425, 435, 256, 618, 622, 623, 626, 629, 669, 674.

da humanidade, a liberdade humana acha-se confrontada com a expressão vital que enseja dar a si mesma, à luz do Evangelho. Na contemplação, “o ato humano, que é a livre resposta adom livre e sem motivo de Deus, o eleva acima de toda ética puramente teleológica...” (BALTHASAR, 1982, p. 162). Por isso, o tempo da graça poderia aqui ser considerado ainda sob o aspecto do tempo da gratuidade, do amor desinteressado, precisamente à maneira do Filho encarnado. Não sem razão o Papa Francisco exortava a “sermos ‘descentralizados’, a ter adiante o ‘Cristo sempre maior’, o ‘Deus sempre maior’, (...) que nos leva continuamente para fora de nós mesmos, leva-nos à *kenosis*, a sair do próprio amor, querer e interesse (EE, 189)”¹⁷.

Trata-se então para o ser humano, à luz do discernimento do tempo – neste e não em outro –, acolher e assumir na concretude das circunstâncias o seguimento Daquele cujo mistério contemplou e que, em sua vida terrena, revelou-se como a Graça do Pai sofrendo toda espécie de desprezo e de injustiça. Porque a graça tem um Nome.

3. A GRAÇA NO TEMPO

3.1 A abrangência da graça

Graça que não entra em ação na vida do mundo e dos homens somente em momentos privilegiados. Está constantemente presente no quadro dos sucessos e dos dramas da humanidade. Mas nem sempre pode ser vista “a olho nu”. Daí a importância das diversas mediações, dentre as quais, os Exercícios anteriormente evocados.

É impregnado das práticas inacianas, expressão de um espírito no qual foi formado, que Vieira lê, interpreta, prega, debate, combate a tempo e a contratempo. Filho de Inácio, Vieira levou muito a sério o caráter concreto da encarnação da palavra de Deus acolhida na fé. Nada escapa desse concreto: os nobres, a realeza, os colonizadores, os colonizados, toda a sociedade era convocada por Vieira para confrontar a vida com essa palavra.

Até o momento, não nos consta que nos escritos de Vieira haja alguma alusão explícita ao que diz uma passagem dos Exercícios Espirituais no contexto da Meditação sobre o Reino: “...

¹⁷ PAPA FRANCISCO. **Homilia do dia 31 de julho de 2013**. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130731_omelia-sant-ignazio.html>. Acessado em: 21 de outubro de 2014.

querer fazer tudo pelo seu [de Deus] maior serviço e louvor, imitá-lo no suportar também as injúrias, desprezo, pobreza” (EE nº 98). No entanto, a ausência das referências ou citações não expressa a ausência da realidade. Talvez não seja exagerado afirmar que a referência à economia salvífica era imperativa para ele. Referência que, sem ignorar seus ímpetos utópicos e algumas vezes pouco plausíveis, lhe valeu muitas incompreensões porque entendia que desmascarar injustiças e projetos anti-evangélicos fazia parte da hermenêutica da graça de Deus.

O Sermão de Santo Antônio aos peixes (NORONHA, 1998, p. 124 ss) - bastante ilustrativo do desmascaramento da opressão reinante no Maranhão – mostra o empenho em trazer à luz o que ele chama de antropofagia social:

[...] importa, peixes, que advertais muito outras tantas cousas, quantas são as mesmas palavras. Diz Deus, que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: *Plebem meam*, porque a plebe e os plebeus, que são os mais pequenos, os que menos podem e os que menos avultam na república, estes são os comidos. E não só diz, que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram. Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros (NORONHA, 1998, p. 137).

Rechaçar a injustiça faz parte do movimento da graça, ainda que com a certeza de ser ignorado, desprezado.

3.2 O Reino de Deus está próximo

Poder-se-ia pensar na graça desvinculada das exigências de justiça? Como pensá-la dissociada da proximidade do Reino? Tanto nos Sermões como na História do Futuro é facilmente observável o lugar concedido à dimensão social humana. À luz da fé, Vieira quer reler a vida social e política. Quer lutar contra uma paralisia cristã.

Nesse sentido, vemos cada vez mais claro que seu interesse pelas Escrituras não é apenas o interesse por um documento fundador. Uma vez feita a experiência do discernimento da fé, da perseverança apoiada na fidelidade de Deus – experiência que engendra a esperança –, é imperativo para ele passar ao seguimento e ao anúncio. A esperança está longe de ser interpretada como uma situação estática de bem-estar daquele que acredita. É dinâmica e

“apressa” o Reino – elemento unificador do discurso de Vieira – que por sua vez é compreendido como boa-nova que possui uma perspectiva universal¹⁸.

Vieira é impulsionado pela mesma exigência ética que encontramos no evangelho. A justiça do Reino cuja realização, segundo Mateus, se dá no cumprimento da vontade de Deus, requer de cada pessoa uma decisão existencial: escolher o verdadeiro tesouro (Mt 6,19-21) que mobiliza a pessoa toda em vista de um engajamento exclusivo na busca do essencial (6, 24) e a recusa de toda preocupação que se constitui em obstáculo (Mt 6,25-34). O evangelista lembra o leitor que nenhuma pertença é em si garantia para julgar-se participante do Reino, como o indica Mt 22, 10-14. Sem a resposta implicando uma reorientação de toda a vida, isto é, sem a conversão, não é possível nele entrar. Os títulos, as disposições exteriores são insuficientes se não são expressão de um movimento interior. Nessa linha, Vieira critica ferozmente a opulência do reino e é consciente de seu perigo para a vocação e a missão que ele atribui não apenas aos cristãos em geral, mas ao seu povo de modo especial. Vocação e missão que se manifestam num caminho de fé.

3.3 O caminho da fé

Fiel a si mesmo, Vieira não elabora um “conceito” de fé. Ele a professa. Trata-se para ele de persuadir seus ouvintes de que ela é uma resposta vital. Não a uma doutrina, mas Àquele que é a Graça de Deus por excelência. Para isso, está convicto da importância do aproximar-se da totalidade do mistério e, nele, da encarnação¹⁹, vida, paixão de Jesus para humanizar o humano. Aproximação que para ele se dá de modo privilegiado no testemunho das Escrituras e que colabora para estabelecer um diálogo vital e fecundo entre promessa e transfiguração progressiva das realidades desumanas que afastam o homem da condição primigênia: ser imagem e semelhança de Deus.

Vindo entre os homens, Jesus partilha plenamente a humanidade. Sua união ao criado é irrevogável. De certa maneira, ousaríamos dizer que podemos ler em Vieira um pedido

¹⁸ Nenhuma parte do mundo é excluída do que Vieira nomeia “o Império” que Cristo estabelecerá sobre a terra. E esta totalidade não é para Vieira uma figura de linguagem, mas uma realidade que será levada a bom termo pelo Cristo, cabeça de todos e de tudo. Ver: VIEIRA, 1976a, p. 86.

¹⁹ Para isso basta ver, entre outras coisas, a insistência de seu argumento quando se trata de defender o domínio temporal do Reino de Cristo. Está igualmente convicto do mistério da Redenção, reconhecendo que a humanidade foi resgatada pelo preço do sangue de Cristo. Ver: VIEIRA, 1976b, p. 313.

indireto dirigido ao homem (VIEIRA, 1992, p. 299ss), a saber: que este também, por sua vez, desça “do céu” e que despose as realidades terrestres por fidelidade à lógica cristológico-trinitária.

Afinal, se a fé é o que permite ler a graça, poderá esta fé, assim compreendida, ser ouvida?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A personalidade multifacetada de Antônio Vieira não permitiu aos seus contemporâneos que os diversos ruídos sufocassem a suave força da Palavra que nas palavras de suas pregações permaneceu límpida e mordaz, para além dos recursos da retórica. Sua ação foi, sobretudo, lembrança inquieta e incômoda interpelando a fazer o caminho de um discernimento do tempo, das fontes, indicando a maneira de habitar o tempo e, finalmente, nele, aproximar-se Daquele que não cessa de vir ao encontro do ser humano por mediações surpreendentes.

Demos, numa primeira etapa, a palavra a Antônio Vieira, deixando-o instruir-nos sobre a sua abordagem teológica do tempo: este é lugar da experiência da humanidade com Deus e de Deus com a humanidade.

Compreendendo-o como *kairós*, perguntamo-nos pela influência da formação religiosa de Vieira na sua concepção do tempo e do agir humano. Servimo-nos, pois, da via da herança inaciana para nos ajudar a discernir o que é a graça. Ao longo dos Exercícios Espirituais é possível identificá-la num duplo movimento: o comunicar-se livre e gratuito da Trindade e o assentimento livre e amoroso da parte daquele a quem tal comunicação é dirigida. “Onde está a graça?”. Pergunta feita frequentemente quando não se entende grande coisa. Teologicamente, onde está? Onde é procurada? Como é reconhecida? Perguntas antigas que Vieira revisita de modo peculiar, instruído e esclarecido por Inácio de Loyola.

Numa terceira e última etapa fomos convidados, com Vieira, a um olhar iluminado pela fé. Somente por ela torna-se possível contemplar a Graça encarnada, a Graça por excelência, que não é uma situação, mas o próprio Verbo de Deus.

Vieira entrou para a plenitude da vida em 1697, mas cremos que seus escritos nos dão material o bastante para uma elaboração própria dessas respostas ou, ao menos, para os elementos em vista de respostas. História, espaço, tempo... categorias tão humanas aparentemente contrastantes, para muitos, com a Presença do Deus Trino que as habita e as ultrapassa.

Enquanto a ideia do tempo que foge (*tempus fugit*) pode gerar a angústia, a ansiedade, até mesmo a culpabilidade, este filho de Inácio de Loyola, sem negligenciar os paradoxos, introduz seu leitor numa outra dimensão: o tempo é aliado, é lugar dado aos humanos para ruminar, para tecer, para ler a trama de Deus com a vida e fazer a trama da vida com Deus. Não se corre contra o tempo. “Corre-se” com ele.

Viver no tempo é lei de nossa humanidade. Nele imergir e dele emergir com todo o criado e associado a todas as criaturas trazendo as cicatrizes por habitá-lo à maneira Daquele que foi morto e ressuscitado, é movimento da graça.

A certeza de que Deus continua, como sempre, a dar-se e a comunicar-se ao homem, marca a sua leitura e a compreensão definitiva de que a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo que continua a vir ao homem em todo tempo.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, M. **Lembra-te do futuro**. A teologia de António Vieira à luz da História do futuro. São Paulo: Loyola, 2012.

BALTHASAR, Hans Urs. **La gloire et la croix IV**. Le domaine de la métaphysique. Les constructions. Col. Théologie v. 85, Paris: Aubier-Montaigne, 1982.

BAUMAN, Zygmunt. **44 Cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

DELUMEAU, Jean. **Une histoire du paradis**. Mille ans de bonheur. Paris: Fayard, 1995.

FABER, Eva-Maria. Grâce, em: LACOSTE, Jean-Yves. **Dictionnaire Critique de Théologie**. Paris: PUF, 2007.

GESCHÉ, Adolphe. **Deus**. São Paulo: Paulinas, 2004.

GIULIANI, Maurice. **L'accueil du temps qui vient**. Paris: Bayard, 2003.

HARTOG, François. **Régimes d'historicité**. Présentisme et expériences du temps. Paris: Seuil, 2003.

LACOSTE, Jean-Yves. Temps. **Dictionnaire critique de Théologie**. Paris: PUF, 1998.

LOYOLA, Inácio. **Autobiografia**. 3. ed., São Paulo: Loyola, 1987.

_____. **Exercícios Espirituais**. São Paulo: Loyola, 2010.

_____. **Constituições da Companhia de Jesus**. Lisboa: Província Portuguesa da Companhia de Jesus, 1975.

NORONHA, José. **Para uma leitura do Sermão de Santo António aos peixes, do Padre António Vieira**. Lisboa: Presença, 1998.

PAPA FRANCISCO. **Homilia do dia 31 de julho de 2013**. Disponível em:
<https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130731_omelia-sant-ignazio.html>. Acessado em: 21 de outubro de 2014.

PESSOA, Fernando. **Poesias**. Seleção de Sueli Barros Cassal. Porto Alegre: LPM Editores, 1996.

VIEIRA, A. **Clavis Prophetarum**. Edição crítica por Arnaldo do Espírito Santo. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2000.

_____. **História do futuro**. Edição crítica comentada e prefaciada por José van den BESSELAAR. Munster: Aschendorff, 1976a, v. 1.

_____. **História do futuro**. Edição crítica comentada e prefaciada por José van den BESSELAAR. Munster: Aschendorff, 1976b, v. 2.

_____. **História do futuro**. Introdução, atualização do texto e notas por Maria Leonor Carvalhão BUESCU. Lisboa: Imprensa nacional-Casa da moeda, 1992.

_____. **Sermões**. Porto: Lello & Irmão Ed., 1951, vol. VI.